

# Ensino à distância

JOSÉ CARLOS AZEVEDO

15 OUT 1994



NOS ANOS 70, A ALA HIPERBURRA  
DA ESQUERDA CONSIDEROU O  
ENSINO À DISTÂNCIA, AGORA DEFENDIDO  
POR FHC, UMA INVASÃO CULTURAL.

Em sua primeira entrevista após confirmar sua escolha para presidente, à TV Cultura de SP, o senador Fernando Henrique disse não compreender por que não há ensino à distância no Brasil e que existem escolas com antenas parabólicas nos EUA, oferecendo aulas de alto nível, geradas em uma central distante.

O interesse por essa modalidade de ensino surgiu no Brasil em 1973, como resultado da visita oficial do dr. N. Sucupira à Open University inglesa e a recomendação para criar tal empreendimento em nosso País, mas os bonzos da alta pedagogia oficial nada fizeram. Em 1977, a UnB interessou-se pelo assunto e concluiu ser viável o empreendimento, buscou assessoria da Open e seu próprio dirigente, Lord Walther Perry, visitou a UnB com seus mais importantes assessores.

Porque sabia da má vontade do MEC, a UnB ampliou seu esforço editorial, buscou parceiros na iniciativa privada e familiarizou-se com as dificuldades desse ensino e iniciou cursos encartados em jornais; surgiram depois os Telecursos, em parceria com a Fundação Roberto Marinho. No Exterior, a UnB obteve recursos e assessoria com facilidade, optou por receber apenas 10 milhões de dólares dos 13 oferecidos e a partir daí o assunto tornou-se público.

A ala hiperburra da esquerda, entretanto, considerou o empreendimento uma invasão cultural; associou-se à burritia do MEC e à ignorância de interessados em ganhar dinheiro que supunham fácil. De

fato, Popper, Heisenberg, Wittgenstein, Croce, Reichenbach, Weizsacker e Russel, entre muitos outros, são uns patetas; bom mesmo é bumba-meu-boi, cordel e pornô. O então ministro da Educação e Cultura, fazedor de frases bocós e notabilizado por dizer que "não era ministro mas estava ministro" (ignorando que nada é mais permanente que estar morto), disse que a Open era um "supletivo de black-tie" e causou estrondosas gargalhadas no meio universitário inglês, pois os títulos da Open valem tanto quanto os de Oxford e Cambridge e o desempenho de seus alunos nos exames de ingresso à pós-graduação se equivale ao das duas instituições. Com o anúncio da chegada dos recursos, os ânimos se acirraram: o MEC se esforçou para

surrupia-los e, com a mudança da administração da UnB, os 10 milhões se transformaram em cinco, dos quais só metade foi para a UnB e se metamorfoseou em equipamentos inúteis, comprados sem critério.

O primeiro esforço bem-sucedido para criar um sistema de ensino à distância foi a Open inglesa, resultado do compromisso eleitoral do Partido Trabalhista, que Harold Wilson honrou quando chegou a Primeiro Ministro. Hoje, há centenas de instituições dessa natureza em muitas dezenas de países. Do ponto de vista tecnológico, a mais nova concepção é a Universidade Virtual. O *The Wall Street Journal* de 12 de setembro passado descreve uma formatura de uns dois mil dos seus alunos, ocorrida dias antes em San Francisco, Califórnia; o

que chamava a atenção não era o desfile dos formandos, nem as becas reluzentes ou os aplausos dos parentes e amigos. Nem a música de Elgar, *Pomp and Circumstance*. Os formandos não se conheciam e iriam ver seus professores na cerimônia, pela primeira vez. Nenhum havia entrado em uma sala de aula e a universidade que lhes outorgava o diploma estava a mil quilômetros de distância, em Phoenix, Arizona. A Universidade Virtual opera através de rede de computadores: neles, os alunos assistem às aulas, fazem exames e tiram dúvidas.

É muito procedente a preocupação do senador Fernando Henrique; afinal, o padre Anchieta escrevia suas orações nas areias da praia e a permissão de Portugal para operar uma gráfica no Brasil só veio pouco antes da Independência. Depois disso, entretanto, tivemos duas grandes inovações educacionais no Brasil. A primeira foi a adoção do quadro negro, que prestou relevantes serviços durante uns três ou quatro séculos. Depois de muitos simpósios, "brainstorms" e conciliábulos, a alta burocracia pedagógica cabocla adotou o quadro verde, nos anos 60. Grande avanço, como vêem. Ironias à parte, o assunto é sério e até merece outro artigo.

## O AUTOR

José Carlos  
Azevedo é  
doutor em Física  
pelo MIT e  
ex-reitor da UnB

